

## A AQUISIÇÃO DA MORFOLOGIA VERBAL NO PB E A CATEGORIA DE ASPECTO

*Thais da Silveira Neves Araujo<sup>1</sup>*

### RESUMO

O objetivo do estudo é investigar os valores aspectuais e temporais relacionados aos morfemas flexionais usados em etapas iniciais de aquisição do português brasileiro (PB) como L1. Pretende-se, assim, contribuir para os estudos sobre a arquitetura da Faculdade da Linguagem, especificamente, sobre as relações de dominância entre Tempo e Aspecto. Para isso, a hipótese considerada foi a Hipótese da Primazia do Aspecto, segundo a qual, ao utilizar determinado morfema flexional nas etapas iniciais de aquisição, a criança veicula traços do aspecto semântico. A fim de acompanhar o processo de aquisição, foi utilizado no presente estudo um *corpus* de natureza longitudinal.

**Palavras-chave:** aquisição; Tempo; Aspecto; português do Brasil; estudo longitudinal.

### ABSTRACT

The aim of this study is to investigate the aspectual and temporal values related to inflectional morphemes in initial stages of Brazilian Portuguese (PB) acquisition as L1. It is intended, therefore, to contribute to studies on the architecture of the Faculty of Language, specifically, on the relations of dominance between Tense and Aspect. For this, the hypothesis considered was the Primacy of Aspect Hypothesis, according to which, when using a certain inflectional morpheme in the initial stages of acquisition, the child conveys features of semantic aspect. In order to follow the acquisition process, a corpus of a longitudinal nature was used.

**Keywords:** acquisition; Tense; Aspect; Brazilian Portuguese; longitudinal study.

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutoranda em Letras Neolatinas pela mesma universidade. Professora do Instituto Federal de São Paulo. E-mail: [thaisneves.a@gmail.com](mailto:thaisneves.a@gmail.com).

## 1. Introdução

Dentre os estudos realizados nos dois últimos séculos a respeito da mente humana, a linguagem se destaca como objeto de estudo de especial complexidade, pois esse componente diferencia os seres humanos de todos os outros seres. É intrigante o fato de sermos os únicos a dominar um sistema de comunicação tão complexo como o nosso sistema de linguagem. A questão se torna ainda mais interessante quando se observa a facilidade e a rapidez com as quais as crianças adquirem esse sistema.

Embora correntes de estudo linguístico, como o *Behaviorismo* (SKINNER, 1957), tenham afirmado que a aquisição de uma língua é dependente apenas de aspectos externos à mente humana – ou seja, do meio em que essa criança vive e se desenvolve – as principais correntes linguísticas da atualidade aceitam que, salvo casos de patologia, todos os seres humanos passam pelo processo de aquisição de linguagem aproximadamente na mesma época da vida, o que se justifica no papel da mente humana nesse processo<sup>2</sup>. Para a Linguística Gerativa, corrente da Linguística em que o presente estudo se desenvolveu, a mente humana é o fator mandatário no processo de aquisição de uma língua (CHOMSKY, 1957, 1959, 1965, 1981, 1995).

Diante disso, este artigo mostra os resultados da pesquisa de mestrado da autora, cujo objetivo foi investigar a aquisição da categoria de Aspecto no português brasileiro (PB), mais especificamente, os valores aspectuais e temporais relacionados aos morfemas flexionais usados em etapas iniciais de aquisição do PB como L1. A hipótese adotada foi a chamada Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN, 1989), segundo a qual, esses morfemas, nessas etapas, veiculam valores aspectuais.

Esse estudo também teve por intuito contribuir para as discussões acerca das relações de dominância entre Tempo e Aspecto na árvore sintática, uma vez que, assumo que as categorias funcionais que emergem por último são as que ocupam as posições mais altas na árvore sintática.

## 2. A aquisição de linguagem

A Gramática Gerativa surgiu em meados do século passado como resposta à tradição *behaviorista* e ao modo como tal tradição entendia o processo de aquisição de uma língua. Em linhas gerais, tal tradição, baseada no mecanicismo advindo da Psicologia *Behaviorista* – que explicava todos os aspectos do comportamento humano com base na tríade *estímulo-resposta-reforço* –, explicava

<sup>2</sup> As principais correntes da Linguística na atualidade, no entanto, se diferem no modo como abordam esse papel da mente humana em tal processo.

os fenômenos da linguagem ou do “comportamento verbal” como provenientes das mesmas leis (externas) que regem qualquer comportamento humano. Tal abordagem encontra o seu maior impulso na obra *Verbal Behavior* (1957), de B.F. Skinner.

No ano de 1957, o linguista Noam Chomsky lançou a resenha *A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*, que faz duras críticas ao modo como a tradição *behaviorista* entendia a aquisição de linguagem. Para ele, a simples analogia da linguagem humana com o comportamento notado em laboratórios por parte de seres que não apresentam a complexidade cognitiva que nós temos não poderia constituir, de fato, um estudo confiável sobre a linguagem.

A magnitude da falha dessa tentativa de abordar o comportamento verbal serve como uma espécie de medida da importância dos fatores não considerados, e como uma indicação do quão pouco realmente se sabe sobre esse fenômeno notavelmente complexo. (CHOMSKY, 1959, p.5 – tradução livre)

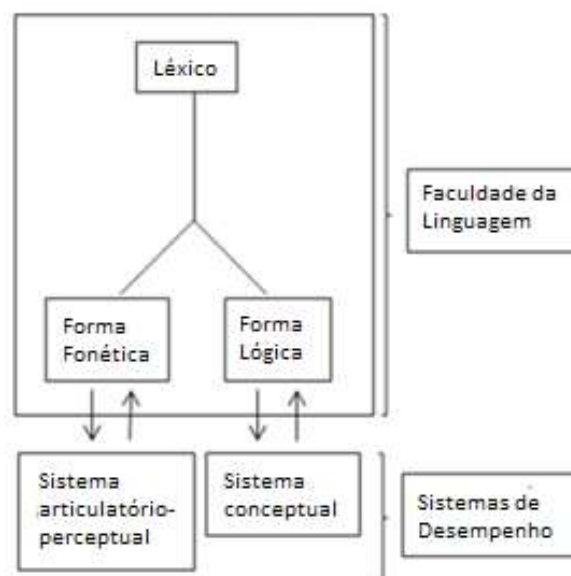
Além disso, para esse linguista, o modelo *behaviorista* também não consegue explicar a rapidez com a qual as crianças adquirem um sistema tão complexo como a linguagem. Para Chomsky (1957), apenas a ideia de que a linguagem é uma capacidade humana inata possibilita uma análise que consiga explicá-la. Dessa forma, propõe a existência de um núcleo interno à mente humana, altamente especializado na linguagem, e que seja capaz de gerar todas as línguas humanas. A linguagem seria, então, diferentemente do que propunham os *behavioristas*, uma capacidade inata regida por leis internas ao indivíduo e guiada por um calendário maturacional genético.

O componente interno que permitiria a aquisição de uma língua é denominado *Faculdade da Linguagem*. Com a evolução da teoria, desde meados do século passado até a atualidade, muitas foram as formas de enxergar como funcionaria esse componente. O Programa Minimalista (PM) (CHOMSKY, 1995), atual modelo de análise linguística da Gramática Gerativa, entende que essa faculdade é formada por um léxico e por um sistema computacional.

O léxico seria responsável por abrigar as informações de itens lexicais e funcionais e por enviar tais informações ao sistema computacional. Os itens lexicais seriam as categorias de nome, verbo, adjetivo e preposição, categorias estas que podem ser definidas pelos traços [V] e [N], cada um deles podendo ter valores binários (+ ou -). Além das categorias lexicais, os traços das categorias funcionais, ou seja, das informações de Tempo, Modo, Aspecto e Concordância também estão contidas no léxico. As diferenças entre as línguas do mundo se dariam devido à diferença entre os itens lexicais e às diferentes configurações para as categorias funcionais, armazenadas no léxico.

O sistema computacional é o local onde ocorre a leitura dos traços, ou seja, das informações sobre configuração de cada uma dessas informações lexicais e funcionais, bem como operações de *merge* e *move* sobre os itens fornecidos pelo léxico. Esse sistema, igual em todas as línguas do mundo, gera representações de som e significado e entrega tais representações para dois níveis de interfaces: forma fonética (PF) e forma lógica (LF). Dois sistemas externos à Faculdade da Linguagem teriam acesso a essas representações através desses níveis de interface: o sistema articulatório-perceptual e o sistema conceitual, respectivamente. Esses sistemas são denominados *sistemas de desempenho* (CHOMSKY, 1995).

A figura abaixo resume um pouco das informações sobre a arquitetura da linguagem.



**Figura 1** - Faculdade da Linguagem e Sistemas de Desempenho/Fonte: elaboração própria

Dessa forma, o papel da criança no processo de aquisição seria simplesmente adquirir o léxico de sua língua, tanto no que diz respeito aos traços dos itens lexicais, quanto aos traços das categorias funcionais. Esse último conjunto de traços é de especial interesse para o presente estudo, uma vez que inclui a categoria objeto deste estudo, a categoria de Aspecto. Diante disso, a próxima seção se dedica à definição dessa categoria.

### 3. Aspecto

Segundo Comrie (1976), Aspecto pode ser definido como “as diferentes maneiras de se enxergar a composição temporal interna de uma situação” (COMRIE, 1976, p.3). Assim, nas sentenças abaixo,

ambas referentes ao tempo passado, o que diferenciaria a leitura dessas sentenças seria a informação aspectual.

- (a) João trabalhou.
- (b) João trabalhava.

Segundo Comrie (1976), há duas maneiras de expressar a informação aspectual. A primeira delas diz respeito à informação aspectual contida na morfologia verbal – o que chamamos de *aspecto gramatical* – e a segunda diz respeito à informação aspectual contida na semântica interna dos verbos e dos demais elementos sentenciais que alterem essa semântica – o que chamamos de *aspecto semântico*.

Ainda segundo Comrie (1976), o aspecto gramatical pode ser dividido em dois aspectos básicos: o perfectivo e o imperfectivo. Assim, em sentenças como (a) e (b) acima, como já foi explicitado, o que diferenciaria a sua leitura seria a informação aspectual, mais especificamente, o aspecto gramatical. Dessa forma, a sentença (a) expressa o *aspecto perfectivo*, no qual o evento é visto como um todo, sem distinção entre as suas partes. Já a sentença (b) expressa o *aspecto imperfectivo*, no qual o evento é visto desde a sua composição temporal interna, de modo que as diferentes fases do evento possam ser visualizadas.

O aspecto imperfectivo pode ser dividido em duas outras categorias: *imperfectivo habitual* e *imperfectivo contínuo*. O imperfectivo habitual expressa um evento que se estende por um intervalo de tempo, como em (c). Já o imperfectivo contínuo expressa uma situação que está acontecendo em determinado momento, como em (d). Algumas línguas têm uma morfologia específica para a expressão do imperfectivo contínuo. Nesses casos, essa morfologia é chamada de *morfologia de progressivo*. A morfologia de progressivo do PB é a perífrase *estar + gerúndio*.

- (c) Maria jogava vôlei quando era criança.
- (d) Maria está jogando vôlei.

O aspecto semântico é dividido em quatro categorias, propostas por Vendler (1967). Para esse autor, essas categorias são: verbos de atividade, verbos de processo culminado, verbos de culminação e verbos de estado. Essas categorias seriam definidas por três traços definidores do aspecto semântico: dinamicidade, duratividade e telicidade. A dinamicidade diz respeito à necessidade de aplicação de energia externa para que um evento continue acontecendo. A duratividade diz respeito ao fato de um evento se prolongar em um intervalo de tempo. Por último, a telicidade diz respeito ao fato de haver um ponto final inerente para determinado evento.

Com isso, os verbos de atividade, como “correr”, seriam [+dinâmicos], [+durativos] e [-téllicos]. Os verbos de processo culminado, como “correr” em “correr uma maratona”, seriam [+dinâmicos], [+durativos] e [+téllicos]. Os verbos de culminação, como “abrir” em “abrir uma lata de refrigerante” seriam [+dinâmicos], [-durativos] e [+téllicos]. Por último, os verbos de estado, como “amar” seriam [-dinâmicos], [+durativos] e [-téllicos]. O quadro abaixo resume essas informações:

	Telicidade	Dinamicidade	Duratividade
Atividade	-	+	+
Processo Culminado	+	+	+
Culminação	+	+	-
Estado	-	-	+

**Tabela 1** - categorias do aspecto semântico/Fonte: elaboração própria

Dessa forma, uma análise aspectual voltada apenas para questões morfológicas seria falha no sentido que não consegue explicar a diferença na leitura aspectual de algumas sentenças, como as sentenças (e) e (f):

(e) João caiu.

(f) João almoçou.

Em (e) e (f), do ponto de vista do aspecto gramatical, as frases deveriam ter a mesma leitura aspectual. No entanto, a informação aspectual semântica gera leituras distintas para as sentenças, uma vez que a frase em (e) denota um evento instantâneo, por se tratar de um verbo de culminação, enquanto a frase em (f) denota um evento com duração interna, por se tratar de um verbo de atividade.

Vale ressaltar ainda que a análise da aspectualidade não deve privilegiar apenas as informações contidas no VP, sendo necessário avaliar todos os elementos que compõem a sentença.

(g) Uma multidão entrou no estádio.

(h) João entrou no estádio.

(i) Maria leu livros.

(j) Maria leu cinco livros.

Nos exemplos considerados, (g) e (h) apresentam o mesmo verbo, com o uso da morfologia de perfectivo, bem como o mesmo argumento. No entanto, a natureza do sujeito faz com que o evento denotado em (g) seja lido como durativo, enquanto o evento em (j) é lido como pontual. Da mesma

forma, em (i) e (j), é possível notar que a ausência de um complemento de cardinalidade especificada em (i) permite uma leitura atélica do evento, enquanto a presença desse tipo de complemento em (j) permite uma leitura télica. Em suma, não é apenas a semântica inerente ao verbo (ou ao VP) que terá relevância na leitura aspectual semântica, mas todo o escopo da sentença.

Muitos autores estudam as relações dessas subcategorias aspectuais e da categoria de Tempo, a fim de entender, entre outras questões, a arquitetura da camada funcional. Trabalhos como os de Bronckart & Sinclair (1973), Antinucci & Miller (1976), Bloom, Lifter & Hafitz (1980) e De Lemos (1981) – esse último em estudo sobre o PB – mostraram que os traços do aspecto semântico guiam o processo de uso das morfologias flexionais nas primeiras etapas de aquisição de Linguagem. Dessa forma, o Aspecto emergiria antes de Tempo na árvore sintática, dado de grande importância para os estudos da Gramática Gerativa.

Valendo-se da contribuição de diversos trabalhos dessa natureza (entre eles, os citados no parágrafo acima), que têm como objetivo entender a relação dessas categorias na aquisição de L1, Andersen (1989) propõe a Hipótese da Primazia do Aspecto. Tal hipótese afirma que, nas etapas iniciais de aquisição de uma língua, o aspecto semântico – e não o Tempo ou o aspecto gramatical – controla o uso de morfemas flexionais. Dessa forma, a criança associaria determinado morfema flexional sempre a determinada categoria do aspecto semântico nas etapas iniciais de aquisição de uma língua. Em trabalho posterior, Shirai e Andersen (1995) delimitam quais seriam essas associações entre morfologia e categoria de aspecto semântico, que demonstrariam que o último fator guiaria o processo de aquisição de morfemas verbais:

- (i) As crianças utilizam primeiramente o passado (ou perfectivo) predominantemente com verbos de culminação e de processo culminado, estendendo eventualmente o uso para verbos de atividade e, por último, para verbos de estado.
- (ii) Em línguas que possuem a morfologia de progressivo, as crianças primeiramente usam essa morfologia principalmente com verbos de atividade, estendendo depois o seu uso para verbos de processo culminado e para verbos de culminação.
- (iii) As crianças não estendem incorretamente as marcas de progressivo para verbos estativos.

Diante disso, o objetivo do estudo foi investigar quais valores aspectuais e temporais estão relacionados aos morfemas flexionais usados em etapas iniciais de aquisição do PB.

A hipótese assumida foi a Hipótese da Primazia do Aspecto. De modo ainda mais específicos, foram testados os itens (i) e (ii) listados acima, que formam parte de tal hipótese, de acordo com Shirai e Andersen (1995). Buscou-se, assim, analisar se as marcas do perfectivo e do progressivo veiculavam traços temporais ou aspectuais (gramaticais ou semânticos).

#### **4. Metodologia**

Com base nos pressupostos apresentados, desenvolveu-se um estudo longitudinal, composto por dois estudos de caso, e seus resultados fazem parte de uma pesquisa de mestrado, concluído no ano de 2015.

Os dados gravados eram de fala espontânea de duas crianças. Antes das gravações consideradas neste estudo, foram feitas duas gravações diagnósticas para cada um dos participantes, a fim de que fosse possível determinar se eles já produziam alguma flexão verbal. Os participantes só foram considerados para o estudo quando se constatou a ausência das morfologias consideradas no estudo na sua fala. Com isso, o objetivo era que o presente estudo tivesse acesso às primeiras etapas do processo de aquisição.

No caso do primeiro participante (doravante participante 1), foram realizadas quinze gravações, iniciadas em março de 2013, época em que ele tinha um ano e oito meses. Já no caso do segundo participante (doravante participante 2), foram realizadas onze gravações, iniciadas em julho de 2013, época em que ele tinha um ano e onze meses. A diferença no número de gravações ocorreu por conta do processo de encontrar uma criança cujos pais aceitassem que os filhos participassem do estudo. Assim, a segunda criança só foi incorporada à pesquisa alguns meses depois.

A coleta de dados aconteceu por meio de gravações de áudio e vídeo feitas mensalmente. Cada gravação tinha aproximadamente trinta minutos e mostrava a criança em interação com os pais e com a pesquisadora. A interação era bastante livre, de uma maneira geral. No entanto, a pesquisadora tentou, em alguns momentos, fazer com que os diálogos fossem sobre eventos que pudessem favorecer o uso das formas verbais investigadas. Essa tentativa, no entanto, ocorria sem retirar a criança de suas brincadeiras rotineiras ou sem realizar grandes quebras nos tópicos abordados entre família e criança.

O perfil dos participantes é bem semelhante. Assim, a diferença de idade entre eles é de apenas um mês, ambos são cariocas e conviviam apenas com os pais, sem outros familiares ou irmãos. O participante 1 é do sexo masculino, enquanto o participante 2 é do sexo feminino.

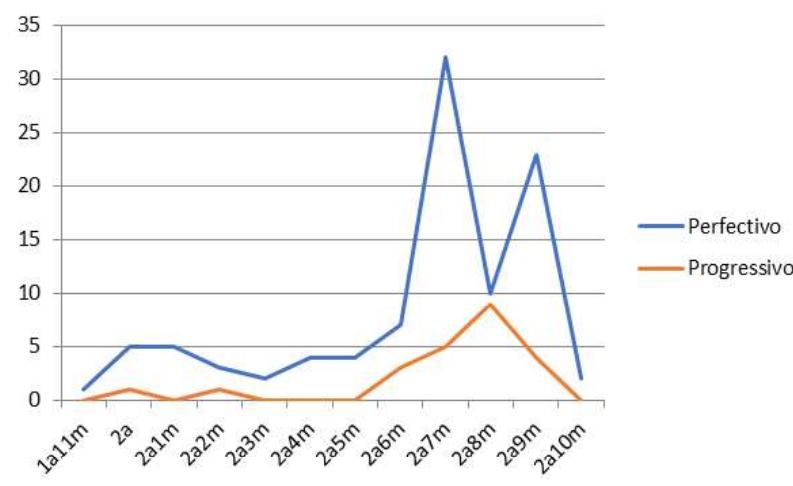


Alguns dados de fala não foram considerados para a pesquisa, mesmo se mostrassem produções verbais de interesse para este estudo, a saber, se em um mesmo turno de fala a criança utilizasse (i) a mesma forma lexical utilizada por um adulto e/ou (ii) a mesma morfologia utilizada também pelo adulto (eco).

## 5. Resultados e Análise

### 5.1 Participante 1

Para o participante 1, foi encontrado um total de 121 ocorrências de verbos combinados às morfologias investigadas. Desse total, 98 ocorrências foram de verbos combinados ao perfectivo, enquanto 23 ocorrências foram de verbos combinados ao progressivo. Assim, do total das morfologias consideradas nos resultados para esse participante, 80,9% eram de perfectivo e apenas 19,1% de progressivo. Esse dado é relevante, uma vez que sinaliza a maior produtividade da morfologia de perfectivo frente à de progressivo nas etapas iniciais da aquisição, conforme pode ser visualizado no Gráfico 1 a seguir, que mostra a quantidade de produção de cada uma das morfologias investigadas de acordo com a idade da criança, a partir da quarta gravação, aquela em que os dados começaram a surgir na produção.

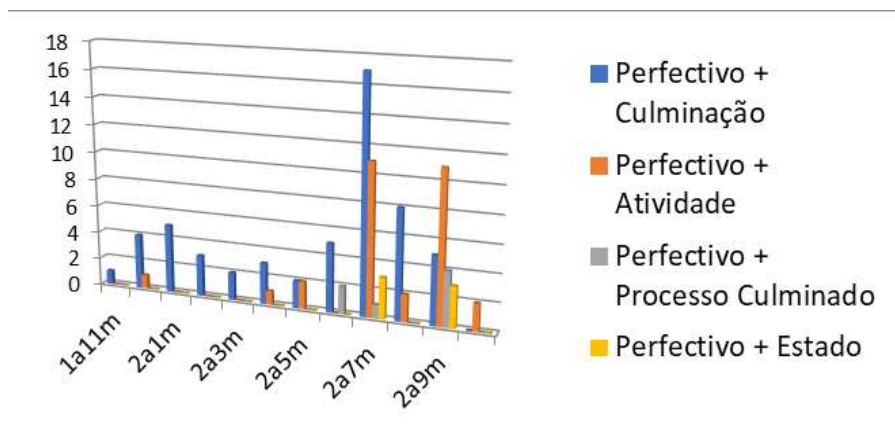


**Gráfico 1** - Perfectivo x Progressivo (participante 1)/ Fonte: elaboração própria

Nas três primeiras gravações consideradas para o estudo, o participante não produziu qualquer verbo associado às morfologias investigadas<sup>3</sup>. Dessa forma, considerarei, na apresentação dos resul-

<sup>3</sup> As gravações diagnósticas não estão entre essas três em que não houve produção das morfologias investigadas, ou seja, no caso das duas crianças, elas corresponderam a uma etapa prévia.

tados, o intervalo entre as gravações de número quatro e de número quinze. A seguir, no Gráfico 2, são apresentados os resultados para a morfologia de perfectivo.



**Gráfico 2** - Resultados do Perfectivo (participante 1)/Fonte: elaboração própria

É possível observar que, nas duas primeiras faixas consideradas, ou seja, quando a criança tinha um ano e onze meses e dois anos, o perfectivo se combinou exclusivamente a culminações e a atividades, sendo as culminações mais produtivas com essa morfologia, conforme ilustra o exemplo a seguir.

(k) - O Mickey **caiu**.

Adulto: hummm... fim!

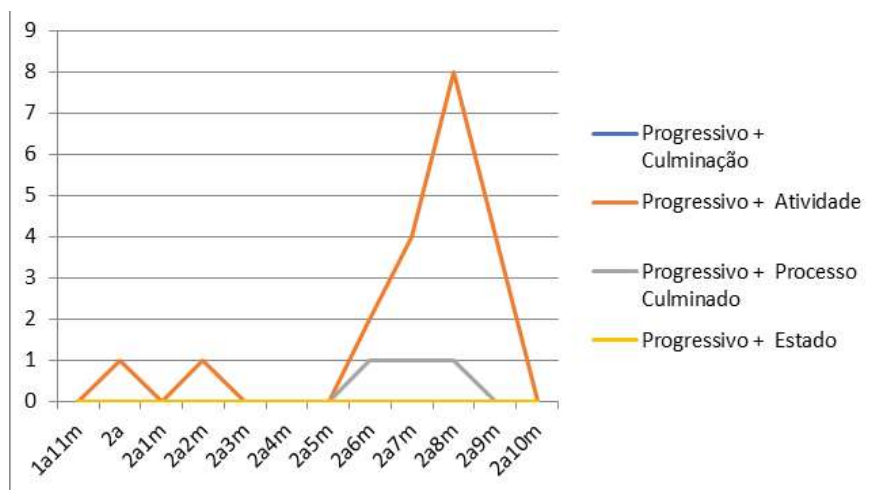
- **Cabô!**

Nessa ocorrência, especificamente, é interessante notar que a fala do adulto enfoca o fim de determinado evento e a criança reforça-o com a forma verbal equivalente a “acabou”. A morfologia de perfectivo, segundo Comrie (1976), não pode ser definida com base no traço de finitude, embora ele inegavelmente possa ser um dos traços que emergem com o uso dessa morfologia. Assim, a criança utiliza tal o perfectivo para expressar traços aspectuais semânticos. Entre dois anos e um mês e dois anos e três meses, a criança produziu o perfectivo exclusivamente com os verbos de culminação, o que, mais uma vez, pode revelar a importância do traço de finitude para as escolhas morfológicas da criança.

A partir de dois anos e seis meses, nota-se um aumento significativo tanto na quantidade de verbos produzidos com a morfologia de perfectivo quanto na variedade de combinações realizadas dessa morfologia com as demais categorias do aspecto semântico. Os processos culminados aparecem

pela primeira vez na produção da criança combinados a essa morfologia aos dois anos e cinco meses e, depois, os verbos de estado aparecem aos dois anos e sete meses.

No que diz respeito à morfologia de progressivo, não há também, até um ano e onze meses, qualquer produção do participante. Depois disso, nota-se uma preferência pela combinação dessa morfologia a verbos de atividade, como pode ser observado no Gráfico 3.



**Gráfico 3** - Resultados do Progressivo (participante 1)/Fonte: elaboração própria

Apenas aos dois anos surge a primeira ocorrência dessa morfologia, mas sem o uso do auxiliar, o que apenas ocorre aos dois anos e cinco meses. Tal fato pode indicar uma emergência anterior dos traços de Aspecto, se comparados aos traços de Tempo, uma vez que os traços temporais são expressos no auxiliar, enquanto a progressividade é expressa pelo gerúndio (ARAUJO, 2015).

Até os dois anos e cinco meses, a criança oscila poucas produções dessa morfologia, especificamente com verbos de atividade, com nenhuma produção. A partir dessa idade, tal como ocorreu para os verbos no perfectivo, há um aumento na produtividade dessa morfologia, mas, diferente do que ocorreu com a morfologia de perfectivo, o seu uso ainda é restrito a um conjunto das categorias do aspecto semântico, a saber, atividades e processos culminados. Isso pode sinalizar que, de fato, a morfologia de progressivo é adquirida tardiamente, se comparada à de perfectivo.

Sobre as hipóteses adotadas, pode-se afirmar que

- (i) “as crianças utilizam primeiramente o perfectivo com verbos de culminação e de processo culminado” – refutada. Os dados analisados mostram que a morfologia de perfectivo apareceu combinada a verbos de culminação e de atividade.

- (ii) “a morfologia de progressivo é utilizada em etapas iniciais de aquisição com verbos de atividade e que, depois, seu uso é estendido para verbos de processo culminado e verbos de culminação” – não foi refutada. Os dados analisados mostram que o progressivo foi usado primeiramente com verbos de atividade e, depois, seu uso foi estendido a verbos de processo culminado.

No entanto, se consideramos a hipótese maior que norteou esse estudo, de que o aspecto semântico controla o uso de morfemas verbais nas primeiras etapas de aquisição, podemos considerar que ela não foi refutada, uma vez que

- (i) a associação do traço de finitude à morfologia de perfectivo se mostrou produtiva;
- (ii) no uso da morfologia de progressivo, o participante privilegiou a forma no gerúndio, que carrega a informação aspectual, e não o auxiliar, com traços temporais; e
- (iii) embora difira da ordem de associações entre morfologia e categorias do aspecto semântico prevista por Andersen (1989), de fato, o participante associou categorias específicas às morfologias investigadas.

## 5.2 Participante 2

Para o participante 2, foi encontrado um total de 67 ocorrências de verbos produzidos com as morfologias investigadas. Desse total, 52 ocorrências corresponderam a verbos combinados ao perfectivo, enquanto apenas 15 corresponderam a verbos combinados ao progressivo. Assim, do total das morfologias consideradas nos resultados para esse participante, 77,6% eram de perfectivo e apenas 22,4% de progressivo. Mais uma vez, a produtividade da morfologia de perfectivo, se comparada à de progressivo parece revelar que a primeira surge na fala das crianças antes da segunda, conforme indica o Gráfico 4.

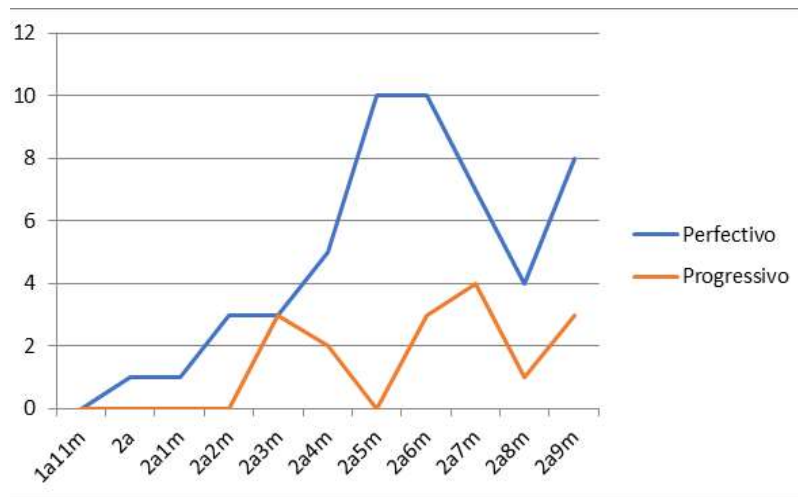


Gráfico 4 - Perfetivo x Progressivo (participante 2)/Fonte: elaboração própria

A seguir, no Gráfico 5, são apresentados os resultados para a morfologia de perfetivo.

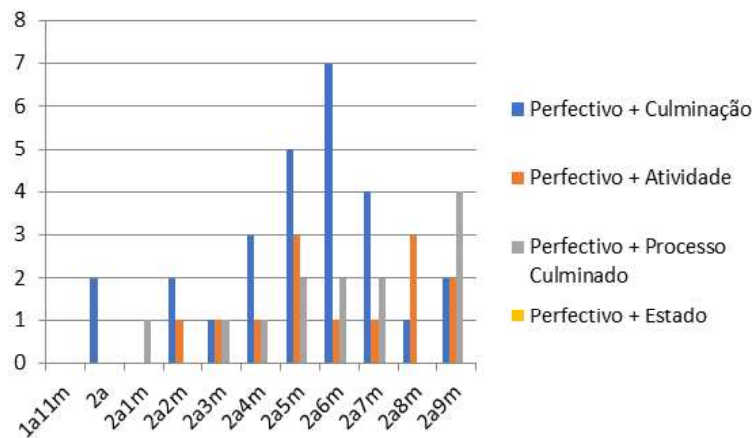


Gráfico 5 - Resultados do Perfetivo (participante 2)/Fonte: elaboração própria

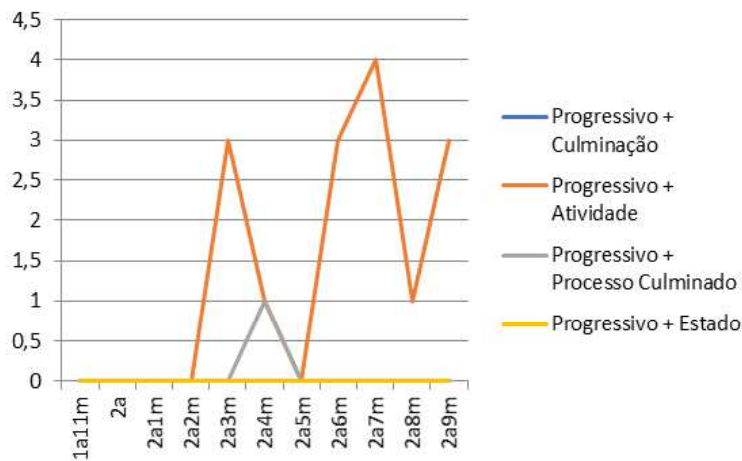
Conforme indicado no Gráfico 5, os dados relevantes para esta pesquisa surgem já na gravação 2, quando a criança, aos dois anos de idade, produz duas culminações combinadas à morfologia de perfetivo. Aos dois anos e um mês, a criança associa essa morfologia aos processos culminados. Já aos dois anos e dois meses, surge a combinação entre perfetivo e atividade e permanece o uso das culminações com essa morfologia. Aos dois anos e três meses, há produção de três verbos com a morfologia de perfetivo, sendo um deles verbo de culminação, um de atividade e um de processo culminado. Esse quadro de produções mais escassas, porém com maior variedade de uso das categorias do aspecto semântico, permanece até a gravação feita quando a criança tinha dois anos e quatro meses.

Aos dois anos e cinco meses, há dez ocorrências de verbos combinados à morfologia de perfetivo, distribuídos entre culminações, atividades e processos culminados, em ordem decrescente

de frequência. A partir dessa gravação, o número de ocorrências de verbos com a morfologia de perfectivo se mantém estável, inclusive com o uso das mesmas categorias do aspecto semântico. Diferentemente do que houve com o participante 1, não houve na produção do participante 2 verbos de estado associados ao perfectivo.

É interessante notar que, mais uma vez, as culminações aparecem com maior frequência associadas à morfologia de perfectivo, desde as suas primeiras produções, o que, tal como mostrou a análise do participante 1, pode estar associado ao traço de finitude, mais evidente nessa categoria do aspecto semântico. No caso da criança 2, no entanto, o segundo tipo de verbo ao qual se associa a morfologia investigada é o de processo culminado, que também tem um ponto final inerente ([+télico]), e, assim, pode também ser associado à finitude.

A seguir, serão expostos os resultados para a morfologia de progressivo.



**Gráfico 6** - Resultados do Progressivo (participante 2)/Fonte: elaboração própria

A morfologia de progressivo surgiu na fala do participante 2 apenas aos dois anos e três meses e, diferentemente do que ocorreu com o participante 1, seu uso correspondeu ao uso da perífrase completa, como na ocorrência “Tá chovendo”. Nessa gravação, essa morfologia se combinou exclusivamente a atividades. Aos dois anos e quatro meses, essa morfologia estende-se aos processos culminados, mas, dessa vez, sem o uso do auxiliar. Isso, na análise realizada, revela uma instabilidade no uso desse auxiliar, o que, tal como mostrou a análise do participante 1, pode mostrar que o Aspecto é adquirido primeiramente, se comparado a Tempo. Essa instabilidade não se repetiu mais após os dois anos e quatro meses.

A morfologia de progressivo volta a se repetir apenas aos dois anos e seis meses, quando a

criança produz essa morfologia associada apenas a verbos de atividade. Esse quadro se repete até a última gravação.

Sobre as hipóteses adotadas, pode-se afirmar que

- (i) “crianças utilizam primeiramente o perfectivo com verbos de culminação e de processo culminado” – não foi refutada. Apesar de a combinação da morfologia de perfectivo ter se estendido rapidamente a três tipos de verbo, nas primeiras gravações essa morfologia se combina a verbos de culminação e, depois, seu uso é estendido a verbos de processo culminado
- (ii) “a morfologia de progressivo é utilizada em etapas iniciais de aquisição com verbos de atividade e que, depois, seu uso é estendido para verbos de processo culminado e verbos de culminação” – não foi refutada. Essa morfologia foi usada primeiramente (e principalmente) com verbos de atividade. A única categoria distinta a que essa morfologia se combinou foi a de processo culminado.

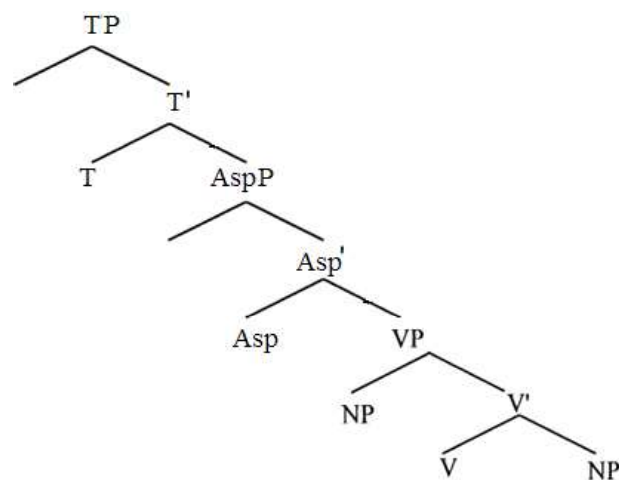
Se analisamos a hipótese maior que norteou o estudo, de que as morfologias usadas nas etapas iniciais de aquisição veiculam noções aspectuais semânticas, podemos afirmar que ela não foi refutada. Isso porque

- (i) a associação do traço de finitude à morfologia de perfectivo se mostrou produtiva, mesmo quando se estendeu o uso dessa morfologia a outra categoria do aspecto semântico;
- (ii) no uso da morfologia de progressivo, houve instabilidade no uso do auxiliar, mostrando que os traços temporais estavam mais instáveis do que os aspectuais; e
- (iii) o participante associou categorias específicas às morfologias investigadas.

## **Considerações finais**

Ao analisar a Hipótese da Primazia do Aspecto e compará-la aos resultados apresentados, fica claro que, de fato, parece que o aspecto semântico está controlando o uso das flexões verbais nas etapas iniciais do processo de aquisição, já que nessas etapas as morfologias se combinaram exclusiva ou preferencialmente com determinadas categorias do aspecto semântico. Dessa forma, a hipótese não pôde ser refutada.

O comportamento linguístico dos participantes, embora divirja em aspectos pontuais – como a rapidez com que uma morfologia se estende às diferentes categorias do aspecto semântico ou quanto à ordem das combinações entre morfologia e tipo de verbo –, em muitos aspectos, converge, uma vez que ambos demonstram maior produtividade no uso da morfologia de perfectivo, se essa morfologia é comparada à de progressivo. Da mesma forma, ambos mostram que o uso do auxiliar na perífrase “estar+gerúndio” privilegia, nas etapas iniciais de aquisição a forma no gerúndio, que veicula os traços aspectuais. Ambos parecem veicular o traço de finitude à morfologia de perfectivo, uma vez que privilegiam eventos télicos, sobretudo os de culminação – com mais foco no término da situação – nas combinações com essa morfologia. Por fim, os dois participantes apresentaram, em suas produções, padrões de associação entre morfologias específicas e categorias do aspecto semântico, o que pode revelar que, de fato, o Aspecto é adquirido primeiramente, se comparado à categoria de Tempo, o que constitui um importante indício a respeito da arquitetura da Faculdade da Linguagem. Isso porque tal indício pode revelar que a categoria de Aspecto é dominada pela categoria de Tempo, tal como mostra o esquema arbóreo a seguir.



**Figura 2** - Esquema arbóreo/Fonte: elaboração própria

## REFERÊNCIAS

ANDERSEN, R. The acquisition of verbal morphology. Los Angeles. University of California. *Linguística*, v.1, p.89-141, 1989.

ARAUJO, T. *Aquisição de Aspecto no português brasileiro*. 2015. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ANTINUCCI, F.; MILLER, R. How children talk about what happened. *Journal of Child Language*,



3, p.169-189, 1976.

BLOOM, L.; LIFTER, K.; HAFITZ, J. Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language. *Language*, 56, p.386-412, 1980.

BRONCKART, J. P.; SINCLAIR, H. Time, Tense and Aspect. *Cognition*, 2, p.107-130, 1973.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Mouton: The Hague, 1957.

\_\_\_\_\_. Review of Skinner. *Language*, 35. pp. 26-58. 1959.

\_\_\_\_\_. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT. Press, 1965.

\_\_\_\_\_. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1981

\_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DE LEMOS, C. International processes in the child's construction of language. In: DEUTSCH, W. (ed.). *The child's construction of language*. London: Academic Press, 1981.

SHIRAI Y.; ANDERSEN, R. The acquisition of tense-aspect morphology: A prototype account. *Language*, 71, p.743-762, 1995.

VENDLER, Z.. Verbs and times. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Philosophical Review*, 56. Ithaca: Cornell University Press, 1967, p.97-121.

SKINNER, B. F.. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.